

Langsdorff de volta



Antes de enlouquecer, durante a expedição, Longsdorff estudou os idiomas dos índios, a fauna e a flora do Brasil

BRASÍLIA — Depois de 20 anos de negociação com o Governo da União Soviética, o Brasil conhecerá este ano a mais completa coleção de pinturas sobre a vida brasileira no século passado. Os artistas Hercules Florence e Adrian Taunay, autores do trabalho, integraram a Expedição Langsdorff que, de 1825 a 1829, percorreu milhares de quilômetros dos principais rios brasileiros, do Tietê ao Amazonas. Os quadros retratam povoados, plantas e, principalmente, índios. Serão expostos de julho a setembro em Brasília, Cuiabá, São Paulo e Rio de Janeiro.

Além das pinturas, a exposição mostrará as anotações e as impressões de Langsdorff sobre os lugares que visitou. O explorador russo (alemão de nascimento) enlouqueceu durante a expedição, aos 54 anos, e todo o material coletado permaneceu encaixotado e ignorado no Museu Botânico de Leningrado até 1930, quando foi achado por acaso e começou a ser estudado e organizado.



Esta cabeça mumificada foi desenhada por um dos companheiros de Longsdorff. Ela é um troféu de guerra dos índios munducurus, encontrados pela expedição no Amazonas

Loucura na selva

LEONARDO FRÓES

Desde que passou a andar sobre rodas, imitando com o petróleo uma solução estrangeira, o Brasil se esqueceu de andar nos rios — que era a solução dos seus índios e foi, nos dois últimos séculos, a solução dos colonizadores que ampliaram seu território. Usando canoas primitivas para fluir de Porto Feliz (no Tietê, em São Paulo) até Santarém (no Tapajós, no Pará), com uma longa parada em Cuiabá, a Expedição Langsdorff demonstrou na prática, e sofrendo horrores, que os rios do Brasil são uma rede já pronta de estradas muito bem feitas.

Mas tudo que esta expedição apurou, em seu delírio fluvial ocorrido entre 1825 e 1829, caiu no esquecimento total. Uma preciosa coleção de 369 desenhos, os diários dos participantes da expedição, seus textos específicos sobre temas tão variados quanto a etnografia e o comércio, suas correspondências e todos os materiais enviados por eles do Brasil continuavam ainda encaixotados, 100 anos depois, nos arquivos da Academia de Ciências da Rússia.

Ao delírio, juntou-se uma sucessão de tragédias. Langsdorff, que deveria ter aberto os caixotes e ofertado suas evidências ao mundo, ficou louco na selva, antes de chegar a Santarém, aos 54 anos de idade, e até os 78, quando morreu em Friburgo, na Alemanha, nunca mais fez nada. Um dos desenhistas que o acompanharam, Adrian Taunay, tinha apenas 25 anos quando, no dia 14 de fevereiro de 1828, morreu afogado ao tentar atravessar o Guaporé a nado. Dois membros importantes da expedição, o botânico Ludwig Riedel e o polivalente Hercules Florence, permaneceram no Brasil para sempre. O alemão Hasse, que chegou a embarcar, logo desistiu da viagem para se casar em Campinas. Antes disso, porém, suicidou-se.

As poucas informações existentes sobre a expedição Langsdorff sempre derivaram do diário de Hercules Florence, o homem que, em seu próprio relato, modelo de simplicidade e modestia, foi quem mais segurou a barra quando a fome e as cãs, os mosquitos e a malária atacaram quase todos e enlouqueceram o chefe. Segundo o texto de Florence, que serviu de base ao do russo Manizer e foi traduzido para o português pelo Visconde de Taunay — com o título de "Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas" — a missão à qual eles se ariscaram, em canoas de um só pau com a bandeira da marinha russa na popa, foi uma "penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior".

Vencer as "cachoeriras criminosas", como diziam no Mato Grosso, era o grande problema. De São Paulo a Mato Grosso, a rota através de dez rios, aberta pelos caçadores de ouro que iam para Cuiabá, já era de vez em quando seguida por monções que levavam carga, tropas do governo ou escravos. Para contornar as cachoeiras, havia os varadouros, trilhas pelas quais as canoas, retiradas da água, eram empurradas na mata sobre paus roliços. Partindo do Tietê

em festa, com acompanhantes a cavalo, pelas margens, nas primeiras léguas, a expedição Langsdorff valeu-se de estratégias como esta para chegar inteira em Cuiabá, onde por vários meses desenvolveu intenso trabalho. Daí para a frente, dividindo-se em dois grupos, conheceu o inferno.

O primeiro grupo, com Riedel e Taunay, tomou o rumo dos rios Guaporé, Mamoré, Madeira e Amazonas para encontrar-se na foz do Rio Negro com o grupo de Langsdorff, que seguiu uma rota semivirgem, cheia de índios e perigos, através dos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós. Com a morte de Taunay e a doença de Langsdorff, o encontro no Rio Negro, onde Riedel chegou sozinho, acabou transferido para Belém. Em seu diário, um dos muitos documentos inéditos, do qual só se conhecem passagens citadas por especialistas soviéticos, Langsdorff anotou a progressão de sua doença e o pânico que dominou a expedição na floresta. Em 13 de maio de 1828, uma semana antes de interromper o diário, ele escreveu: "Desde o dia 24 de abril tenho passado a maior parte do dia e da noite deitado inconsciente, tendo pesadelos fantásticos".

A essa altura, só 15 das 34 pessoas que desciam o Juruena não estavam doentes, e as provisões acabavam. Na descrição de Hercules Florence, o quadro era tétrico: "As doenças não nos deixavam descansar, fizeram-nos parecer fantasmas; os insetos nos atormentavam dia e noite, a chuva não cessava e até mesmo as redes estavam molhadas. Quase todos os nossos trabalhadores sofriam de febre. Felizmente eles resistiam mais do que nós, mas ninguém conseguia trabalhar muito".

A loucura do sábio e a perda de um dos seus desenhistas foi o duro preço pago por esta expedição russa ao Brasil, que pela primeira vez fez uma pesquisa abrangente do Planalto Central. Índios como os guanáts, guatóis, caiapós, xamacocos, guaicurus, botoculos, apiacás e bororós foram contactados então num momento fundamental de sua história, quando a pressão da febre do ouro, a doença dos brancos, dava início à sua degenerescência e extermínio.

Em "A expedição do acadêmico G.L. Langsdorff ao Brasil", o livro de G.G. Manizer, publicado no Brasil, em 1967, em tradução de Osvaldo Peralva, é dito que "as cartas de Langsdorff a governadores de províncias brasileiras atestam quão de perto lhe diziam respeito os interesses da população local, especialmente a indígena. Em seus diários, mais de uma vez ele deplorou que o governo absolutamente não se preocupasse com os indígenas".

George Heinrich von Langsdorff, assim batizado como alemão nascido no Hesse, foi cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, antes de partir para a selva, com o nome de Grigory Ivanovitch Langsdorff. Em Lisboa, onde trabalhou como médico, por dois anos, e aprendeu a língua, publicou em português uma tese sobre hospitais, assinando-a como Jorge Henrique Langsdorff. Com uma vontade de saber tão extensa quanto esta pluralidade: lingüística, coletou rudi-

mentos dos idiomas dos índios, estudou a fauna e a flora, analisou detidamente as potencialidades minerais brasileiras, descreveu muitos peixes e se apaixonou pela terra. Dono de uma fazenda no Estado do Rio, Langsdorff havia estado na Europa, em 1820, na fase de preparo da expedição fluvial, para fazer propaganda do Brasil e das novas condições de emigração decretadas por Dom João VI. Voltara com uma brochura publicada na Alemanha e na França, cujo texto dizia: "A imaginação mais rica, mais feliz e mais perfeita nem de longe pode dar conta dos tesouros desta natureza. Quem quer que anseie por motivos poéticos, que vá ao Brasil, pois ali a natureza responde a seus penhores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se deseja descrever as coisas como elas são, ali se transformam em poeta".

Os desenhos da expedição ao Brasil, feitos por Florence e Taunay e hoje parte ponderável do acervo de Leningrado, embelezam um pouco os índios, dando-lhes caras europeizadas, mas têm grande valor documental. Ambos os artistas — rapazes capazes de aguentar a parada — ainda estavam nos começos do traço, mas nem por isso deixaram de criar certas obras, sobretudo paisagens, que têm força e dão saudade de um Brasil natural, violento mas puro, enlouquecedor de beleza, com todos os seus rios cercados pela mata homogênea.

O francês Hercules Florence chegou ao Brasil com 20 anos, em 1824, para participar da Expedição Langsdorff como desenhista. Seu diário, que ele doou à família de Taunay, o companheiro morto durante a viagem, começa com a partida do Rio. De lá, o grupo velejou para Santos e depois seguiu por terra até Porto Feliz. Terminada a expedição, Florence se fixou em Campinas, onde casou-se e se estabeleceu. Na tradução do Visconde de Taunay, trechos do seu diário reconstituem a aventura:

"Parti de Santos com alguns dias de avanço sobre meus companheiros, a fim de mandar preparar cómodos em Cubatão. Fiquei maravilhado da beleza dos sítios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superfície calma das águas, os maciços de mangues".

"Os habitantes de São Paulo, como em geral os de toda a província, são típicos entre os brasileiros por valentes e rancorosos. Há exemplos de atos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sede de vingança,

sendo quase sempre mulheres a causa dessas desordens. Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sóbrios, bebem muito pouco vinho e mantêm mesa simples, mas agradável. As principais comidas são frango, leitão assado ou cozido e ervas".

"Até agora a viagem é um verdadeiro passeio. A companhia é numerosa e senhoras vêm nos acompanhando. Atravessa-se com dia um belo país e à tarde acolhem-nos a habitações, cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Com grande custo embarcamos hoje nos remadores. Uns estavam completamente embriagados. Outros não queriam deixar os parentes ou amigos".

"É na verdade caso de admiração poder pensar que de Porto Feliz a Cuiabá percorrem-se 530 léguas por meio de 10 rios, havendo só duas léguas de varadouro, e nem é menos de passar ver passarem grandes canoas por cima de montanhas. Camapuá é uma fazenda pertencente a uma sociedade que tem sua sede em São Paulo. Em estado de decadência desde que a navegação dos rios vai sendo abandonada pelos negociantes, conta perto de 300 habitantes, dos quais é a terça parte escravatura dos sócios. Extrema é a miséria dos habitantes".

"Impossível me fora exprimir o sofrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comíamos, ficavam os pratos inchados, o molho cheio deles; entravam-nos pela boca. Debalde dos pés à cabeça vestíamos roupas grossas; debalde calçávamos botas e luvas. Através das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivéssemos uso, ferravam-nos tremendas picadas metendo-se pelas calças a dentro. É horrível".

"Quando chove (em Cuiabá), as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque nos regos d'água que se formam descobrem sempre algumas palhetas. Por toda parte anda-se aqui por cima de le; nas ruas, nas casas que não são ladrilhadas, nos jardins, não há polegada de terra que deixe de o conter".

"Dizem que os guatóis vivem com

mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me porém que numa ocasião troquei algumas palavras com um deles, que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por graxeio uma e ele retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possível. Pois bem, disse-me ele, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma destas".

"Novamente esquecemos o dia do mês, tão doentes estávamos todos. Transpusemos diversas cachoeiras, cujo nome e trabalho se me riscaram da memória. Lembro-me que, alguns dias depois da passagem da das Furnas, por pouco ia se perdendo nosso batelão numa delas. Ao sairmos da de São Lucas, escapou minha canoa de cair num medonho rebojo ou torvelinho onde de repente se some uma embarcação, sem que o melhor nadador possa se salvar".

"Dia nefasto, dia marcado pela mais cruel notícia. Comunicou-nos uma carta do Sr. Riedel que o Sr. Taunay se afogara no rio Guaporé, em Vila Bela. Encheu-nos de consternação esta desgraça. Da vasta província de Mato Grosso, são Diamantino e Vila Bela os dois pontos mais insalubres. Esta cidade está em decadência, e se a vila se mantém é pelos diamantes; entretanto já começa a ser abandonada. Nesses dois lugares existe uma moléstia mais perigosa ainda e que é consequência da outra. Chamam-na corrupção. Quem for atacado fica com o ânus dilatado do tamanho de um punho fechado, e cai em sonolência e insensibilidade. O remédio heróico é então o sacatrapo, clister de vinagre, pimenta, pólvora e tabaco. Por meio de um pau, cuja ponta leva um chumaço embebido de cada vez, introduz-se no ânus essa terrível mistura".

"Tudo entre os índios é simples; nada, portanto, repelente. Vão nus; também nunca vestem farrapos nem roupa suja e remendada. O corpo está sempre limpo, dispostos pela nudez em que vivem a se atirarem por qualquer coisa à água. Desconhecem o grande princípio da propriedade; também entre eles não há ladrões nem assassinos, nem envenenadores, nem falsários, nem ratoeiros, nenhum desses males morais que afligem os homens civilizados".

O relato de Florence



A ROTA DA EXPEDIÇÃO